

A função anagramática do nome próprio na escrita psicótica¹

Recebido 18, jan. 2005/Aprovado 20, mar. 2005

Mariluci Novaes

Resumo

*Na lingüística, duas abordagens – a semântica e a pragmática – ressaltam respectivamente duas funções principais para o nome próprio: a de designação de um ser e a de interpelação de um sujeito para a enunciação. Na psicanálise, Lacan (Seminário A Identificação, inédito) marca uma outra propriedade do nome próprio: a de ser uma expressão definida, no sentido de que, em torno da marca significante, um conjunto de possibilidades e determinações transforma-se num ato de decifração para o sujeito. A partir da consideração das três abordagens, formulo uma outra função para o nome próprio na escrita psicótica: a função anagramática, no sentido de que um nome pode conduzir silenciosamente a narrativa que um sujeito faz de si. No livro *Denkwürdigkeiten eines Nervenkranken*, Schreber (1903), internado no asilo para doentes mentais SONNENSTEIN, na Alemanha, narra sua experiência de transformação na mulher escolhida por Deus para criar uma nova raça. O nome do asilo exerce a função anagramática de significante-mestre em associação com o sobrenome GOTTLIEB de seu pai, permitindo a construção autobiográfica de uma metáfora delirante num esforço de tornar pública a experiência privada da psicose.*

Palavras-chave: escrita psicótica; nomes próprios; identidade; psicanálise.

¹ Este ensaio apresenta um dos resultados encontrados na pesquisa *Os nomes próprios nas psicoses como operadores imaginários de identidade*, desenvolvida no período de março de 2003 a fevereiro de 2005, apoiada financeiramente pelo CNPq com bolsa de produtividade em pesquisa e com auxílio financeiro através do Edital 06/2003, para a área de Ciências Humanas.

Nas abordagens semânticas sobre os nomes próprios (PARIENTE, 1973; GARY-PRIEUR, 2001 e 1994; MOLINO, 1982, entre outros), costuma-se distingui-los dos nomes comuns como uma categoria de nomeação transparente de um ser, a partir de um ideal de representação pura. Já nas abordagens pragmáticas, como a proposta por Granger (1982), os nomes próprios são considerados elementos de interpelação virtual que se estabelecem nas relações entre enunciado e circunstâncias de enunciação. Em ambas abordagens, o que está em jogo é a identidade imaginária de um sujeito de enunciação e as maneiras como ele responde à evocação de seu nome.

Na escrita psicótica, observam-se algumas particularidades nas relações que os sujeitos psicóticos estabelecem não só com seus nomes de batismo como com outros nomes próprios de uma maneira geral. A psicanálise (CALLIGARIS, 1989) elabora conceitualmente as psicoses enquanto estruturas psíquicas que respondem a um determinado acontecimento (pode ser um casamento, uma promoção no trabalho, o nascimento de um filho entre outras situações de ruptura com as significações que até então o sujeito dispunha).

Os nomes próprios podem funcionar, então, como elementos de suplência e compensação das relações imaginárias e simbólicas entre os sujeitos e os outros. Muitas vezes, os sujeitos encontram formas de significação em seus nomes e nos nomes em volta da sua esfera subjetiva (nomes dos pais, dos médicos, de instituições), narrando histórias delirantes em livros e outras formas textuais, de forma que elas se tornem públicas, numa função de passagem daquilo que é "privado", a experiência psicótica, para o público (JULIEN, 2000), ou seja, tornar público o nome próprio.

Julien baseia-se nas observações, encontradas em Lacan (1975) e em Aubert (1987), sobre o escritor James Joyce que utilizou a escrita como construção do que Lacan chamou *sinthomen* (uma forma particular de sintoma que é o "único esteio positivo de nosso ser", ou se tem o sintoma ou é o nada – ZIZEK (1992, p. 168). A escrita realizaria uma operação de blindagem, de forma que o sujeito pudesse se resguardar da intrusão do Outro, uma instância interna ao psiquismo e à qual o sujeito sempre se endereça e que, no caso das psicoses, aterroriza-o com a confusão mental. Essa escrita delirante, enquanto permanece no privado, e literária, quando faz série e laço social, pode parecer a nós uma desorganização, mas para o sujeito atormentado pelo sofrimento psíquico pode ser uma forma de estancar a proliferação imaginária, desencadeada por esse Outro, e construir o seu *sinthomem*.

Daniel Paul Schreber, o juiz-presidente da corte de Apelação na cidade de Dresden, respondeu à essa nomeação com a psicose. O nome SCHREBER, de família respeitada, viu-se as-

sociado de repente a uma estranha metamorfose. Daniel Paul passou a dizer que havia sido escolhido para ser a mulher de Deus e criar uma nova raça. Escreve um livro durante a internação no asilo *Sonnenstein*, e passa a lutar contra a família para sua publicação na mesma editora em que seu pai, Daniel Gottlieb Moritz Schreber, havia publicado livros sobre ginástica, higiene e educação de crianças, num esforço de pregação de uma doutrina educacional rígida e implacavelmente moralista. Seria, portanto, uma desmoralização para a família Schreber a narrativa de Daniel Paul contando sua transformação física e psíquica em mulher. Mesmo assim, impetrando vários recursos à Corte de Interpelação de Dresden, Schreber-filho conseguiu que seu livro *Denkwürdigkeiten eines Nervenkranken*, fosse publicado em 1903 (no Brasil, traduzido por Marilena CARONE, em 1995, o livro recebeu o nome de *Memórias de um doente dos nervos*).

Como então manter as designações de duas “identidades” conflitantes (juiz-presidente e mulher de Deus) num mesmo nome familiar – Schreber? Daniel Paul e/ou *Miss Schreber*, como assim o chamavam as vozes das almas insistentemente, não poderiam guardar privadamente esse grande sofrimento psíquico. A insistência na publicação do livro visava demonstrar aos outros que ser mulher de Deus era algo imposto a ele por uma instância superior – *uma conspiração divina, um sistema de falsificação do pensamento*:

Desse modo foi preparada uma conspiração dirigida contra mim que tinha como objetivo, uma vez reconhecido o suposto caráter incurável da minha doença nervosa, confiar-me a um homem de tal modo que minha alma lhe fosse entregue, ao passo que meu corpo – numa compreensão equivocada da citada tendência inerente à Ordem do Mundo – devia ser transformado em um corpo feminino e, como tal, entregue ao homem em questão para fins de abusos sexuais ... (SCHREBER, 1995a, p. 67).

Daniel Paul refere-se acima ao seu médico, o Dr Flechsig, como a figura central da conspiração, cujo nome entrará na composição do delírio juntamente com os nomes de seus familiares. Os nomes próprios, portanto, funcionam como âncoras na organização da chamada “metáfora delirante”, conforme Lacan propõe no *Seminário 3: as psicoses* (1988). Mas, para que o desacordo entre o Schreber (juiz-presidente) e a *Miss Schreber* (mulher de Deus) possa “conviver” na narrativa, a chamada “discordância paranóica” (ALLOUCH, 1995) entre a identidade anterior à doença e a identidade imposta pela psicose será necessária uma “outra” escrita, subjacente, em que a verdade do sujeito aparecerá em forma de anagrama. No livro de Schreber, esse anagrama surge do nome do asilo SONNENS-

TEIN, onde estava internado, em associação com um dos sobrenomes do pai GOTTLIEB.

As várias interrupções da narrativa, marcas da discordância entre as duas "identidades", são traduzidas por Daniel Paul Schreber (1995a, p. 175-176) como "o sistema do não-falar-até-o-fim":

O sistema do não-falar-até-o-fim se aperfeiçoou cada vez mais com o correr dos anos, à medida que as almas começaram a deixar de ter pensamentos próprios. Há anos são pronunciadas dentro dos meus nervos, com enorme freqüência e repetições aos milhares, apenas conjunções isoladas ou locuções adverbiais, destinadas a introduzir orações secundárias com qualquer conteúdo que satisfaça o espírito pensante. Assim, ouço há anos, todos os dias, repetidas centenas de vezes, faladas dentro dos meus nervos, as palavras totalmente desconexas: "Mas por quê?", "Por isto, porque que eu" [...] "Agora eu vou me", "Você deve de fato", "Nisto eu quero".

A relação de identidade se estabelece, a partir do nascimento, entre o nome e um indivíduo, de forma extensiva a todos os períodos de tempo de sua existência, o que pressupõe que alguém existindo num tempo é o mesmo ser em outro tempo (formulação do *The Cambridge Dictionary of Philosophy* para o verbete *personal identity*) ou, colocando de forma mais coloquial, a identidade de uma pessoa consiste no conjunto de coisas que a define e, assim, o nome teria a função de representar esse conjunto de propriedades que define a pessoa. Porém a identificação não é simplesmente fazer UM.

A assinatura do livro, por princípio, deveria marcar essa correspondência unívoca, mas à qual identidade o nome Schreber corresponderia? No livro de Schreber, além da narrativa da experiência psicótica, também estão presentes os laudos médicos, que interditaram seus direitos civis, que impediam que ele publicasse o livro, e as fundamentações de recursos impetrados pelo próprio Schreber, na sua qualidade de juiz presidente da Corte de Apelação, em afastamento por problemas mentais:

[...] não contesto o fato de que meu sistema nervoso, há vários anos, se encontra em um estado patológico. Mas contesto categoricamente ser ou de ter sido doente mental. Minha mente, isto é, o funcionamento das minhas forças intelectuais é tão claro e saudável quanto a de qualquer outra pessoa, e – com exceção de algumas idéias hipocondríacas sem importância – tem sido assim desde o início da minha doença nervosa. Conseqüentemente, o parecer do senhor perito, à medida que supôs em mim a presença de paranóia (loucura), incorre em uma ofensa tão grave à face da verdade, que é difícil imaginar algo pior (SCHREBER, 1995a, p. 300).

Fica claro que "a é a" não significa nada. O Schreber do delírio é e não é o Schreber das petições, e é uma questão que

não se trata do fato de ele estar lúcido ou em surto. Às vezes há uma assonância entre os dois nomes, às vezes ressonância. Há e não há relação entre eles (a discordância paranóica, já comentada antes), sob o ponto de vista da designação, mas, mesmo assim, "ainda é ele".

No campo do imaginário, o suporte do ser está na nossa experiência da identificação em designá-lo, a referência primária, onde se manifesta essa presença no mundo, em que reconhecemos como o mesmo. É exatamente aqui que aparece o valor do significante, a sonoridade distintiva, numa dimensão diferente da ordem do aparecimento e do desaparecimento do ser. Essa sonoridade distintiva, em sua qualidade de significante, não é signo. Ela tem um falso efeito de significado, que só é sombra.

se eu digo meu avô é meu avô vocês deverão de qualquer maneira compreender que aí não existe nenhuma tautologia: que meu avô, o primeiro termo é um uso de indicador do termo "meu avô", que não é sensivelmente diferente de seu nome próprio (LACAN, [19—]).

A aparente tautologia é desfeita quando se sabe que o primeiro Schreber traz agregado a esse nome predicados (informações sobre a identidade de seu portador) diferentes dos predicados do segundo uso do nome Schreber. O nome de um autor numa publicação, mesmo sendo autobiográfica, não se refere ao ser, mas sim ao sujeito narrador. Era isso que Schreber desejava, pois só assim o nome Daniel Paul Schreber se "livraria" das marcas da família (do higienismo, da educação rígida do pai) e ele poderia ser sujeito de sua própria história.

A assinatura, contudo, mesmo marcada pela duplicidade de referências (perfeitamente esperada ao se publicar uma obra), não concedeu a Schreber esse lugar fora da referência ao ser, como ele tenta numa das petições:

[...] continua sendo uma questão delicada decidir antecipadamente se uma obra do espírito é ou não adequada para publicação; nem mesmo as autoridades, nos diversos campos do saber humano (e muito menos quaisquer juízes), são sempre os mais capacitados para um tal julgamento: não seria a primeira vez na história, que é recebida pelos contemporâneos com ironia e escárnio, e considerado como fruto da loucura, uma nova descoberta científica, uma nova visão do mundo, uma nova invenção – que depois será reconhecida como revolucionária. Mas o tribunal me informa que minhas *Memórias* são impróprias para publicação porque nelas eu exporia a mim mesmo e minha família de um modo inaudito, arriscando-me até a sofrer um processo penal (SCHREBER, 1995a, p. 319).

A assinatura, portanto, com a conseqüente publicação da obra, poderia ser a saída para impedir a vinculação do nome próprio ao ser, um ser com diagnóstico de esquizofrenia

paranóide e internado numa instituição psiquiátrica. A duplicidade do Schreber-antes-da-paranóia e do Schreber-durante-a-paranóia não se mantém intacta nas escritas de sua história e de suas petições,² o que foi percebido claramente por FREUD (1988) e pelos leitores das *Memórias*, no meio psicanalítico, já que não houve outro tipo de repercussão.

Numa primeira fase dos estudos de psicanálise, elaborados por Lacan em seus seminários, o rótulo "psicose" foi associado a uma determinada estrutura subjetiva, com um modo específico de articular os três sistemas referenciais aos quais os sujeitos são submetidos em sua experiência com o mundo, com os outros e consigo mesmo: o real, o imaginário e o simbólico. Assim os sujeitos psicóticos seguiriam uma lógica diferente daquela dos sujeitos neuróticos ao se dirigirem ao outro (representação do empírico) e ao Outro (uma instância inconsciente ao qual o sujeito sempre endereçaria sua fala, mesmo sem saber).

Porém, no seminário inédito *Le sinthomen*, a partir do trabalho de Joyce, Lacan vai propor um quarto elemento, o sintoma, como uma possibilidade de escrita diferente (escrita em dois sentidos: o ato da escrita em si de um autor de um livro, por exemplo, e o ato da escrita de si, presente nas cadeias significantes "escolhidas" na enunciação) daquela escrita clínica que o identificava antes e que permitiu, por exemplo, que Joyce escapasse da psicose, pelo menos das conseqüências psiquiátricas da época.

Segundo Rassial (2000), esse novo estado não seria psicótico, nem neurótico e nem perverso (considerando-se as três estruturas tradicionais da clínica psicanalítica lacaniana), mas um estado limite, resultado do fracasso da psicose e da neurose. Esse quarto elo seria da ordem de uma dinâmica em construção permanente. Assim, é possível que a relação do sujeito com seu nome próprio e o desejo de torná-lo um nome público possam ser deflagradores de parte dessa dinâmica, pelo fato de o nome próprio ser a primeira marca significativa do sujeito.

Se a estrutura psíquica da psicose foi considerada como uma estrutura de linguagem porque envolvia a relação do sujeito com os significantes e com a maneira como eles se relacionavam com o simbólico, não fazer cadeia na articulação de um significante ao outro, num modelo de uma cadeia sintagmática, faz que um determinado significante (representação de algo com a qual o sujeito não pode se confrontar) passe a se reproduzir sempre de forma idêntica, numa replicação diacrônica (nos mais diversos momentos enunciativos). A replicação diacrônica é base de todos os delírios, já que esses passam a ser a única auto-escrita possível ao sujeito. Joyce conseguiu colocar sua escrita na ordem do "*sinthomem*", numa operação lógica de oferecimento de outros significantes que tornou a cadeia de

² O curioso é que essa distinção não se tornou relevante para afastar Schreber da defesa de seus direitos, suspensos por causa da doença. A Corte, que julgava a questão, considerou Schreber apto para sua própria defesa.

significantes consistente a uma escrita que pôde ser publicada e lida pelos leitores como literatura.

Com Schreber, essa operação lógica do sujeito não foi possível, já que ele continuava a se endereçar ao Outro (possivelmente ocupado pela função paterna), invalidando o endereçamento ao outro leitor. Num "diálogo" elaborado e repetitivo, o sujeito enuncia a sua "posição subjetiva" de ter sido escolhido por Deus como mulher e repovoar a Terra. Obviamente que, para o outro-leitor, tal lógica permanece inacessível:

Todos os ataques que no correr dos anos foram feitos contra minha vida, minha integridade física, minha virilidade e meu entendimento, sempre tiveram e ainda têm por fundamento a idéia de escapar o máximo possível da força de atração dos meus nervos superexcitados, força que deixa para trás todas as demais que um dia existiram. Para esse fim, no início, tinha-se evidentemente em mente (ver capítulo IV) a minha emasculação, de acordo com a tendência inerente à Ordem do Mundo ... (SCHREBER,1995, p. 113).

O nome de Daniel Paul Schreber mantém-se como autor e como conseqüência de seu desejo de sair do delírio privado para a obra pública, a redenção que poderia alçar seu nome de família – Schreber (não é possível deixar de falar na estranha homofonia de seu nome com "schreiben", escrever, em alemão, sua língua materna) - para a esfera pública, a sonhada dimensão literária que lhe restituiria o laço social.

É interessante observar que o pai de Daniel Paul, Daniel Gottlieb Moritz Schreber, era um médico famoso na Alemanha e no exterior por seus livros sobre pedagogia, ginástica e higiene. Schreber-filho chega a fazer referência a um deles quando descreve a sua transformação em mulher pelas almas:

As almas sabiam com precisão que o homem se deita de lado e a mulher de costas (num certo sentido, como "parte que está por baixo" - sempre na posição que lhe corresponde na cópula) ... De acordo com o que leio a respeito disso, por exemplo, na *Ginástica médica do salão*, de meu pai (23ª. Edição, p.102), parece que nem os médicos estão bem-informados a esse respeito (SCHREBER,1995a, p. 139).

A leitura das Memórias de Schreber-filho aponta para uma composição do delírio a partir da figura paterna que é lá representada por Deus (*Gott* em alemão, parte do sobrenome do pai, completado por *Lieb, lieben* é amar, em alemão). O delírio de Schreber centra-se na sua transformação em mulher de *Gott* (Deus):

Estou persuadido de que no meu corpo podem ser observados certos fenômenos inteiramente inexplicáveis pela experiência científica comum [...] Afirmo, portanto, que no meu corpo, em particular no peito, estão inteiramente presentes as peculiaridades correspondentes ao sistema nervoso de um corpo feminino, e estou convencido de que um exame físico o

comprovaria [...] Partes pequenas da alma de Flechsig, que permaneciam bem longe e que por isso muitas vezes ficavam muito tempo sem entrar em contato com meus nervos, costumavam exclamar, repetidas vezes, como que admiradas: "Mas, então, ele ainda não foi emasculado?" Não raro, os raios divinos, aludindo à emasculação supostamente iminente, acreditavam poder zombar de mim como "Miss Schreber" (SCHREBER, 1995a, p. 113).

A partir dessas ressonâncias com os nomes na família, pode ficar clara talvez a relação que os significantes dos nomes próprios têm na escrita psicótica e confirmar a hipótese de que há uma função anagramática inerente a eles.

O nome próprio,³ principalmente o nome de família, como marca significante sobre um sujeito, é talvez a forma mais poderosa de intrusão do Outro, que, por seu desejo, impõe um nome e por um ato performativo (no sentido atribuído por Austin, 1962, de quando dizer é fazer) marca o destino (no sentido de "cumprimento de expectativas" do Outro) do sujeito presente em sua história – o sujeito dificilmente o enfrentará e resistirá a ele.⁴ O tornar-se público através da autoria de alguma obra reconhecida como literária poderia ser uma forma de denegar (no sentido atribuído por Freud, de trazer a afirmação pela negação) esse destino traçado, já que ser autor é poder estar imaginariamente no comando do destino de sua escrita, de seu lugar de sujeito pela escrita.

Sabe-se que a denegação é da ordem do recalque, um mecanismo das neuroses e não das psicoses, porém a transliteração do nome para uma outra ordem (em "Miss Schreber", o Schreber faz referência a um sujeito que é e não é ao mesmo tempo o mesmo que assina os recursos contra os laudos médicos anexados às petições, também publicados no mesmo livro) pode ser uma forma implícita de dupla operação do reconhecimento e de sua recusa a reconhecer a "realidade" de uma "representação negativa" na referência ao nome.

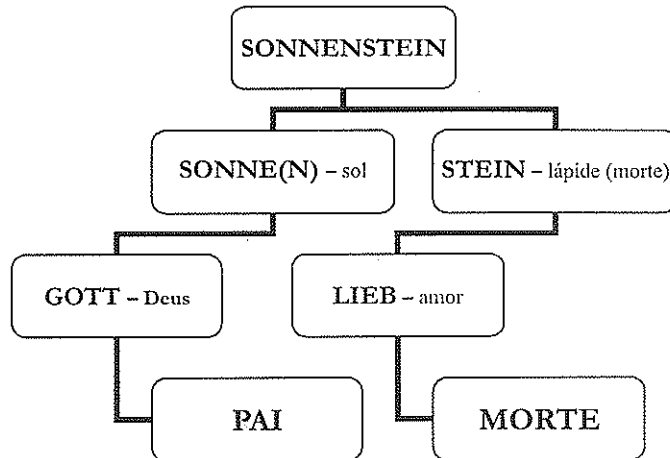
Daniel Paul Schreber tinha em seu nome o nome do pai, Daniel, e o sobrenome da família Schreber. Mas é o nome do asilo, em que estava internado, que será a base anagramática da composição do delírio, o asilo de *Sonnenstein*. Esse nome *Sonnenstein* vai transcender a sua designação para nomear um real que excede toda narrativa possível acerca da biografia do sujeito. Essa nomeação que faz furo como toda nomeação (LACAN apud ALLOUCH, 1995, p. 11) vai estabelecer uma estreita relação anagramática⁵ com o nome do pai - Daniel *Gottlieb* Moritz Schreber – SONNENSTEIN e GOTTLIEB se colocam numa outra ordem, a ordem do real, evasiva à simbolização, nomes nos quais repousarão as formações anagramáticas que constituirão a metáfora delirante, não mais da escrita, mas da transcrição (no sentido dado por Allouch de

³ Os nomes próprios, de uma maneira geral, são estudados na Linguística e na Lógica como operadores de individualização. Entre esses estudos, segundo o levantamento bibliográfico que realizei, não há qualquer trabalho a respeito dos nomes próprios nas psicoses. Na Psicanálise, encontram-se alguns trabalhos que seguem a leitura de LACAN (1975) sobre Joyce e Schreber. Na Psiquiatria, não encontrei qualquer menção.

⁴ Como operadores lingüísticos, os nomes próprios marcam nos enunciados a identidade imaginária de um sujeito da enunciação, identidade possível criada pelo sujeito a partir da marca inicial, da identificação a um traço unário (cf. LACAN, [19—]). A dinâmica da sustentação da identidade, portanto, passa pela ordem do imaginário, passa pelas representações imaginárias que o sujeito tece em torno desse primeiro significante.

⁵ Chamo de *formação anagramática* a escrita resultante de um ou mais de um nome que funciona(m) como anagramas. O termo foi estabelecido especificamente para descrever a escrita psicótica, a partir da formulação dos anagramas por Saussure. (ver NOVAES, 1996)

uma escrita regulada pelo som e não pelo sentido) psicótica, numa confluência da língua com a alíngua (MILNER, 1978). O esquema anagramático, a seguir, propõe-se a recuperar algumas associações possíveis na língua alemã, por sua propriedade característica altamente produtiva de formação de palavras por justaposição, presentes na narrativa:



- 1) DEUS (GOTT de Daniel Gottlieb Moritz Schreber) E SOL (SONNE de Sonnenstein)
- 2) RAIOS (em ressonância com SCHEIN – IRRADIAÇÃO SOLAR) E NERVOS (associação extralingüística)
- 3) LÁPIDE / MORTE / CADÁVERES (STEIN)

A primeira associação entre *Sonne-n* e *Gott* com *Stein*, formando – *lápide do Sol*, em ressonância com *sol morto* é dada nos trechos abaixo:

Deus podia, sem perigo, se aproximar dos *cadáveres* para, graças à energia dos *raios*, extrair do corpo e atrair para si os *nervos* ... (SCHREBER, 1995a, p. 36).

Além disso, tenho motivo para supor que a *irradiação do sol* foi assumida diretamente por *Deus* ... atualmente (desde julho de 1894) esse *Deus* (Aríman) é identificado com o *Sol* pelas vozes que falam comigo (SCHREBER, 1995a, p. 89).

Dentro da composição anagramática, *Sonnenschein* (por similaridade fônica e ressonância com *Sonnenstein* – *lápide do sol, sol morto - luz do sol, raio do sol, nervos do sol, nervos de Deus*) indica que os termos “raios” e “nervos” são usados de uma forma homonímica:

Deus é, desde o princípio, apenas *nervo*, e não corpo ... Têm, em particular, a capacidade de se transformar em todas as coisas possíveis do mundo criado; nessa função chamam-se *raios* [...] o conjunto dos *nervos de Deus* como algo situado além e aquém das estrelas e, por conseguinte, a nossas estrelas e em

particular o nosso *Sol* como meras estações por meio das quais o poder criador milagroso de *Deus* percorre o caminho até a nossa Terra [...] o fato de que há anos o *Sol* fala comigo em palavras humanas [...] Graças à *luz que emana do Sol* e dos demais astros, *Deus* tem a capacidade de perceber – os homens diriam, de ver – tudo o que acontece na Terra ...nesse sentido, pode-se de modo figurado, falar do Sol e da *luz dos astros como do olho de Deus* (SCHREBER,1995a, p. 34-35).

A associação entre **SOL** e **DEUS** resulta possivelmente de uma formação anagramática a partir do nome do pai - Daniel **Gottlieb** Moritz Schreber. O uso do fragmento **GOTT** para formar um outro nome de referência para o sujeito e juntá-lo com **FÜRCHTEN** (temer) dá-lhe um estatuto de outra ordem. Essa fragmentação destaca o significante **GOTT**, que será produtivo na outra composição anagramática, quando é substituído metonimicamente por **SONNE**.

Gott – Deus; *Gottlieb* - *Lieb, lieben* – amor, amar: o desmembramento do segundo nome do pai **GOTT** vincula-se a **FÜRCHTE (N)** – ter medo, *Fürchtengott* – temer a Deus, para entremear **DANIEL** (primeiro nome dele e de seu pai) e **FLECHSIG** (o nome do médico, identificado à figura do pai em várias partes da narrativa, para o qual é direcionada a responsabilidade por seu sofrimento):

Em todo o caso, durante muito tempo, estive em conexão nervosa com o prof. Paul Theodor Flechsig e com Daniel *Fürchtengott* Flechsig (com o primeiro, também na sua qualidade de alma?) e tive no corpo partes da alma de ambos. A alma de Daniel *Fürchtengott* Flechsig já desapareceu há anos (volatilizou-se) (SCHREBERa,1995, p. 44).

Assim, o anagrama **SONNENSTEIN** seria o nome próprio por excelência, a sonoridade distintiva, puro significante (GARDINER apud LACAN, [19—]), do qual desencadearia a metáfora delirante (ser fecundado através dos raios divinos). Como marca distintiva, o significante na psicose enquanto nome próprio não permite uma tradução em outros termos e pode intervir como elemento persecutório (ALLOUCH, 1995). Schreber diz que “os sanatórios para doentes mentais se chamavam, na língua fundamental, *sanatórios dos nervos de Deus*” (SCHREBER, 1995a, p. 45).

O nome próprio, portanto, é uma expressão definida, no sentido de que, em torno da marca significante, é tecido um conjunto de possibilidades e determinações para o sujeito, um ato de decifração. Com isso, a ênfase do anagrama formado sobre nomes próprios centra-se sobre o sujeito e não sobre o receptor ou a referência no mundo. Não é uma mera referência, uma mera correspondência entre uma sonoridade distintiva e um objeto, mas uma maneira toda particular de o sujeito estar na linguagem.

O pai morto ou a ausência do significante do nome do pai está presente no anagrama **SONNENSTEIN**, por analogia à lápide do **SOL**, que aparece no anagrama como a lápide de Deus, e, por analogia à lápide do **PAI**. O **PAI MORTO**, em contraponto com o amor ao pai, presente no nome **GOTTLIEB**, torna possível ao sujeito o lugar de gerador de uma nova raça com Deus, ou seja, ocupar o lugar da mulher do pai.

Ao atribuir a Deus um lugar que poderia ser substituto do significante-do-nome-do-pai, Schreber não se identifica com Deus, mas sim com mulher de Deus, ou seja, caindo na simbolização primordial com a mãe:

Estou persuadido de que no meu corpo podem ser observados certos fenômenos inteiramente inexplicáveis pela experiência científica comum [...] Afirmo, portanto, que *no meu corpo, em particular no peito, estão inteiramente presentes as peculiaridades correspondentes ao sistema nervoso de um corpo feminino*, e estou convencido de que um exame físico o comprovaria [...] Partes pequenas da alma de Flechsig, que permaneciam bem longe e que por isso muitas vezes ficavam muito tempo sem entrar em contato com meus nervos, costumavam exclamar, repetidas vezes, como que admiradas: "Mas, então, ele ainda não foi emasculado?" Não raro, os raios divinos, aludindo à emasculação supostamente iminente, acreditavam poder zombar de mim como "*Miss Schreber*" (SCHREBER, 1995a, p. 113, grifo nosso).

Daí que só uma língua outra, a alíngua, nomeada por Schreber de "a língua dos nervos", de "a língua fundamental", poderia tocar esse real e "falar" desse pai morto e do desejo de ser copulado como uma mulher. Com isso, os nomes próprios perdem a estabilidade referencial, saem de um efeito de exterioridade na relação de designação do objeto e entram na ordem do real, na estrutura significativa da alíngua (a língua do inconsciente que "fala" por meio de "disfarces lingüísticos", como os anagramas), materialidade do delírio

Os nomes próprios fazem parte de uma classe de palavras que se encontra numa posição exterior ao sistema da língua. Ao estilizar esses nomes, Schreber tenta reinscrever em vão seus cacos na ordem da língua alemã. Nas psicoses, a intuição delirante apóia-se num suporte homofônico para ter os efeitos homonímicos necessários à nomeação, "o inconsciente preocupa-se mais com o significante que com o significado":

Além da língua humana habitual há ainda uma espécie de *língua dos nervos*, da qual, via de regra, o homem não é consciente ... As palavras em questão são então *repetidas em silêncio* (como em uma oração silenciosa que do púlpito se exorta os fiéis a fazer) ... meus nervos são postos em movimento *a partir do exterior*, e isto incessantemente, sem interrupção [...] mais tarde, além dos nervos do Prof. Flechsig, raios divinos tam-

bém se puseram em contato imediato com meus nervos (SCHREBER, 1995a, p. 61).

Portanto, trata-se de uma outra função do nome próprio no campo do imaginário, possível a partir da leitura de Lacan, que, diga-se de passagem, segue formulações a partir do que a lingüística (Gardiner) e a lógica (Frege, Kripke, Russell) já propunham. Para que um indivíduo porte um certo nome é preciso e é suficiente que ele tenha efetivamente recebido esse nome; para que uma descrição dele seja verdadeira é preciso e é suficiente que ele seja o único a quem convém tal predicado figurado na descrição, mas não é necessário que ele seja simplesmente nomeado como o único a quem convém esse predicado. O nome acaba trazendo "informações relativas"⁶ àquele que é designado, como faz o nome mesa. Porém, uma coisa é a origem do nome e, outra, o funcionamento, que não pressupõe uma relação inteligível entre cada nome próprio e seu portador. De qualquer forma, o nome próprio acaba sendo um identificador permanente, já que ele é atribuído a título de continuidade, apesar de poder se aplicar a uma pluralidade de objetos sem perder sua natureza. O nome Daniel pode-se aplicar a uma série de indivíduos, mas o nome Daniel em Daniel Paul Schreber (o filho) em ressonância homofônica com o nome do pai (Daniel Gottlieb Moritz) é único.

Dar um nome próprio não é dizer em que ele é diferente, mas que ele é diferente. O nome próprio é quase a forma vazia da diferença. Se às vezes funciona como predicado, não permite prever o sujeito. Traz uma grande margem de indeterminação, um símbolo com uma grande improbabilidade *a priori* e, por isso mesmo, traz ao receptor uma grande quantidade de informação, aquela que, por homofonia e por homonímia, o receptor "acrescenta" ao nome. O fato de não ter significação é a característica essencial para seu funcionamento. Para isso basta a correspondência entre um indivíduo e uma cadeia de fonemas, o significante puro, descolado do significado que, por ventura, possa ter, já que ele não é instrumento de conhecimento e sim, de reconhecimento.

Abstract

Two approaches are provided by linguistics to consider proper names: from the designation point of view and from the virtual interpellation of a subject for utterance. Following psychoanalysis discourse, Lacan (Seminar The identification, unpublished) proposes other propriety for proper names: the definition expression, in the sense of a set of possibilities and determinations around the significant, marks an act of decipherment for the subject. On regarding the three considerations I propose

⁶ A escolha de nomes de pessoas famosas, por exemplo, pode mostrar esse desejo dos pais de que os filhos "recebam" a sorte ou o talento do outro, como se a evocação do nome por homofonia ao nome da celebridade trouxesse os fluidos do sucesso.

another function for the psychotic writing: the anagrammatic one, in the sense that a name may guide silently the self-writing. On book *Denkwürdigkeiten eines Nervenkranken*, Schreber (1903), recluse at SONNENSTEIN, a mental diseases asylum, in Germany, writes about his experience of self-transforming in the woman chosen by God to procreate another race. The asylum's name acts as an anagrammatic function of Significant-master in association with familiar name Schreber, allowing the autobiography a construction of a disillusioned metaphor in an effort to turn public the private experience of psychoses.

Keywords: psychotic writing; proper names, identity; psychoanalysis.

Referências

- AUDI, Robert. *The Cambridge dictionary of Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- ALLOUCH, Jean-Paul. *Letra a letra: transcrever, traduzir, transliterar*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1995.
- AUBERT, J. (Org.). *Joyce avec Lacan*. Paris: Navarin Éditeur, 1987.
- AUSTIN, John L. *How to do things with words*. Oxford: University Press, 1962.
- CALLIGARIS, Contardo. *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- FREUD, Sigmund. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides). In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- GARY-PRIEUR, M. N. *L'individu pluriel: les noms propres et le nombre*. Paris: CNRS, 2001.
- _____. *Grammaire du nom propre*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.
- GRANGER, G. A quoi servent les noms propres. *Langage*, [S.l.], n. 66, p. 21-36, 1982.
- KRIPKE, Saul. *La logique des noms propres: naming and necessity*. Paris: Minuit, 1982.
- JULIEN, Phillipe. *Psychose, perversion, névrose: la lecture de Jacques Lacan*. Paris: Éditions Érès, 2000.
- LACAN, Jacques. *O Seminário livro 3: as psicoses*. Trad. Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988.

_____. *Seminário 9: a identificação*: inédito. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise e Movimento Freudiano, [19—]. mimeo.

_____. *Seminário 23: le symptome*, ed. Mimeo, 1975.

MILNER, Jean-Claude. *L'amour de la langue*. Paris: Seuil, 1978.